



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VANESSA RIBEIRO DE MELO

**ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: A PERSPECTIVA  
DO ESTUDANTE SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR EM  
ARACAJU/SE**

SÃO CRISTÓVÃO

2024

VANESSA RIBEIRO DE MELO

**ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: A PERSPECTIVA  
DO ESTUDANTE SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR EM  
ARACAJU/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Aaron Sena de Cerqueira Reis

SÃO CRISTÓVÃO

2024

## **RESUMO**

Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma abordagem acerca do Ensino de História e a educação especial, tendo como parâmetro a perspectiva dos alunos surdos em uma escola inclusiva. Para isso, fizemos uma pesquisa de campo qualitativa, através de um questionário com quatro estudantes surdos da Escola Estadual 11 de Agosto, da cidade de Aracaju- SE, vinculada ao Programa Licenciados na Escola (PROLICE), objetivando a compreensão da consciência histórica desses estudantes. A análise das respostas adquiridas por meio desta atividade, nos fez compreender que o ensino de História para surdos ainda conta com grandes desafios e a aula tradicional é uma delas, desta forma, os alunos surdos gostam e se identificam com um ensino dinamizado e visual, fazendo com que os docentes compreendam a necessidade de novos métodos para a efetivação de uma educação efetivamente inclusiva. Ademais, que embora tragam necessidades educacionais especiais, esses sujeitos possuem uma consciência histórica, uma vez que ela é inerente ao ser humano.

**Palavras chave:** Ensino de História. Educação especial. Consciência histórica. Inclusão.

## **ABSTRACT**

This work aims to present an approach to History Teaching and special education, taking as a parameter the perspective of deaf students in an inclusive school. To this end, we carried out qualitative field research, using a questionnaire with four deaf students from Escola Estadual 11 de Agosto, in the city Aracaju-Se, linked to the Escola Licenciates Program (PROLICE), aiming to understand the historical consciousness of these students. The analysis of the answers acquired through this activity made us understand that teaching History for the deaf still has great challenges and the traditional class is one of them, in this way, deaf students like and identify dynamic and visual teaching, making teachers understand the need for new methods to implement an effectively inclusive education. Furthermore, although they have special educational needs, these subjects have a historical consciousness, since it is inherent to the human being.

**Keywords:** History Teaching. Special education. Historical consciousness. Inclusion.

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	6
<b>2. ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS</b> .....	7
<b>3. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E A RELAÇÃO COM O ALUNO SURDO</b> .....	10
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	13
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	14
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	21
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	23
<b>ANEXOS- Atividade</b> .....	25

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo buscou trabalhar o ensino de História e a educação de surdos, assim como a perspectiva destes alunos em torno do ensino de História. À priori, essa pesquisa surgiu a partir do meu envolvimento com a psicologia e educação de surdos por meio de uma disciplina ofertada pelo departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), mas tornou-se possível por meio do Programa Licenciandos na Escola (PROLICE), com a orientação do professor Dr. Aaron Sena, também vinculado a universidade, onde pôde ser, de fato, realizada.

O PROLICE nos possibilitou uma interação com estudantes (com e sem deficiência) de turmas do 7º ano da Escola Estadual 11 de Agosto, em Aracaju/SE. Dentre aqueles que apresentavam alguma necessidade educacional especial, podemos mencionar: alunos com autismo, cego, Síndrome de Down, deficiências físicas e, principalmente, surdos, que foram sujeitos deste trabalho. A partir disso, pudemos desenvolver atividades com o objetivo de que estes alunos participassem efetivamente das aulas de História e aguçassem os pensamentos e a consciência histórica, acreditando que seriam esses o pontapé inicial para o percurso de ensino-aprendizagem, o que facilitou a pesquisa final.

Com base nisso, tornou-se possível a realização de uma atividade no português escrito, composta por algumas questões de identificação e outras sobre o que de fato precisaríamos para a realização deste trabalho, como questões relacionadas a História e o ensino da mesma, sempre buscando a opinião do aluno surdo. Entretanto, foi necessário a ajuda da intérprete, que assim como nos auxiliou durante os nove meses de aula, também nos prestou auxílio nesta atividade, uma vez que ainda não dominamos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Além disso, para melhor compreensão sobre ensino de História e educação de surdos e consciência histórica que dariam embasamento para a compreensão desta pesquisa, foram utilizadas pesquisas já desenvolvidas no Brasil e muitas delas na própria UFS, disponibilizadas pelo orientador, Professor Dr. Aaron Sena, ou, encontradas por meio das referências bibliográficas dos trabalhos já lidos. Dentre elas, dissertações, revistas e artigos.

Este trabalho está dividido em 6 seções, incluindo considerações iniciais e finais. A princípio, traçamos um panorama acerca do ensino de História e educação de surdos, partindo pelo percurso histórico da educação para surdos no Brasil. Em seguida, fizemos uma abordagem sobre consciência histórica e a relação que a mesma tem com o sujeito surdo. Posteriormente traçamos o percurso metodológico e finalizamos com uma análise dos dados coletados na atividade desenvolvida com alunos surdos do 7º ano A da Escola Estadual 11 de Agosto.

## **2. ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS**

A educação para pessoas surdas, no Brasil, está em vigor desde 1857, quando por iniciativa de Dom Pedro II foi instaurada, no Rio de Janeiro, o que atualmente chamamos de Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES, com a presença do professor francês, Ernest Huet, educador surdo, vindo do Instituto Nacional de Surdos de Paris. O INES representou, nesta época, um grande avanço na vida de pessoas com surdez, visto que estes eram discriminados pela sociedade, tidos como pessoas anormais e desta forma, marginalizados. Segundo Carvalho (2009), na escola para surdos, ainda que houvessem disciplinas voltadas para a oralização, também existiam seleções para divisão de alunos aptos e não aptos a serem oralizados, abrindo portas para o aprendizado da Língua de Sinais francesa, uma vez que foi a primeira língua sinalizada apresentada aos surdos brasileiros (CARVALHO, 2009, p.03).

Uma vez que a língua de sinais francesa chega ao Brasil, influencia a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que posteriormente passou a alcançar espaços importantes no país. Todavia, o Congresso de Milão, em 1880, proporcionou o retrocesso na vida da comunidade surda, visto que alguns educadores defendiam a oralidade como melhor método de ensino. O oralismo pretendia:

Fazer com que os surdos aprendessem a falar, pautando a língua falada como principal elemento da comunicação e conseqüentemente proporcionar interação entre surdos e ouvintes (NETTO, 2019, p. 39)

Desta forma, o congresso veio impor aos surdos que oralizassem até mesmo entre si, em virtude de que a sociedade ouvinte viam a língua de sinais como um regresso para a linguagem. E, posteriormente ao oralismo, também por imposição dos ouvintes, o bimodalismo foi posto em prática, trazendo a proposta do uso das suas línguas de modo simultâneo.

Ao pensarmos na prática da educação de surdos, levando em consideração os fatos supracitados, como afirmam Honora e Frizanco (2009, p.26), hoje, “o método mais usado em escolas que trabalham com surdez é o bilinguismo, que usa como língua materna a Língua Brasileira de Sinais e como segunda língua, a Língua Portuguesa escrita”. Esse método é regulamentado através da Lei nº 13. 146/15 que reafirma esse e outros direitos aos estudantes surdos e, foi tomando espaço por meio das políticas públicas, a exemplo, também, da Lei nº 10.436/02 que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e pela organização do movimento surdo a favor dos seus direitos e conquistas.

No entanto, ainda se percebe as tamanhas carências que permearam no passado e ainda permanecem no tempo presente. O surgimento da educação para pessoas com surdez não tornou a sociedade menos preconceituosa e isso, sem dúvidas, dificultou um melhor resultado durante todos esses anos. Além disso, pensar em educação de surdos não significou olhar para o sujeito com necessidades educacionais especializadas com outros olhos até que isso viesse a ser previsto em lei.

Nas últimas décadas, o Brasil vem avançando progressivamente na medida em que é apresentado as políticas inclusivas que, por sua vez, resultam numa melhor organização das práticas inclusivas, logo que direcionam os professores a olhar de forma diferente para os alunos com necessidades educacionais especializadas. Porém, é importante salientarmos que ainda existem diversos desafios enfrentados pelos surdos dentro das escolas, mostrando que nem em todos os casos o olhar direcionado a esse público é diferenciado. Reis e Silva (2023) enfatizam que a falta de informação por parte da rede de ensino em relação ao perfil dos alunos que serão atendidos, a deficiência na formação de professores e a indisponibilidade para a formação continuada voltada para o atendimento de estudantes com necessidades educacionais especializadas são fatores contribuintes para os desafios do ensino para surdos.

Em se tratando do ensino de história não é diferente, “enquanto a pesquisa histórica propõe retirar do esquecimento aqueles que não tem tido voz na história oficial, o ensino de história não tem se preparado para as possibilidades inexploradas que a relação com o ‘outro com necessidades especiais’ pode propiciar no processo de ensino e aprendizagem” (ALEGRO; VERRI, 2006, p.98). Embora a educação de surdos tenha sido um grande avanço e sejam várias as leis que assegurem os surdos de uma educação efetiva, a prática, muitas das vezes, deixa a desejar e, vários são os fatores para tal situação, como por exemplo: a invisibilidade dos surdos por meio da escola, ausência de metodologias para uma educação inclusiva, a falta de intérpretes ou o apoio nele que embora possua conhecimento na língua de sinais, não é um professor de história.

Ademais, na relação história e terminologia da Língua Brasileira de Sinais, vários são os termos históricos que acabam não fazendo sentido para o estudante surdo. Então, como explicar para um surdo, por exemplo, que a guerra fria não foi uma guerra que aconteceu num ambiente frio, mas que se trata de uma guerra marcada por conflitos ideológicos, militares e políticos travados por duas grandes potências e seus aliados, sem que houvesse um conflito armado diretamente falando, se a terminologia do termo histórico é falada perfeitamente com o mesmo

sentido de frio em temperatura? Estamos falando de uma situação onde o intérprete não sabe de história e muito possivelmente o educador não sabe de libras.

Outrossim, segundo Damázio, o momento de atendimento educacional especializado, tanto no ensino da Libras, quanto dos conteúdos curriculares para alunos com surdez, deve ser ministrado por um professor preferencialmente surdo (DAMÁZIO, 2007). Desta forma, se seguirmos esta ideia, podemos entender que o que garante o aprendizado de um estudante seja a língua falada por ele. Assim sendo, numa relação entre um educador oralizado e um aluno oralizado ou um educador surdo e um aluno surdo, o objetivo da relação ensino-aprendizagem é alcançado. Todavia, cabe aqui a análise de que na prática existam casos onde o professor e o aluno falem a mesma língua, mas as metodologias aplicadas não atendam as necessidades para o aprendizado do aluno. Neste caso, o que prevaleceria no processo de ensino-aprendizagem, seria, a priori, a compreensão dos melhores métodos para determinado grupo de alunado e, a execução deles.

Para Damázio (2007, p.14), “mais do que a utilização de uma língua, os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explore suas capacidades, em todos os sentidos”. Desta forma, a consciência histórica de determinado aluno e os seus conhecimentos prévios já adquiridos por meio de suas vivências podem ser utilizados pelos professores de história a fim da promoção de novas possibilidades de aprendizado baseado naquilo em que o estudante já tenha vivenciado. É importante fazer com que o aluno, aqui se tratando do surdo, se sinta parte da história para que ela seja mais atraente e menos complexa, mas uma realidade da sua própria vida.

Embora as experiências vividas e relatadas pelos alunos não sejam intimamente ligadas ao conteúdo de modo em que está transposto didaticamente, são essas experiências que darão base para o início da aula e do aprendizado do estudante em consequência de que ele se sente parte da história, relacionando o novo ao que ele já possui de conhecimento, e isso além de encantá-lo, o envolve. Conforme Reis e Silva (2023, p. 19), “se quisermos avançar em ensino de história inclusiva, por meio dos quais os surdos possam se reconhecer, fortalecer, construir ou reconstruir sua identidade, necessitamos, urgentemente, conferir a voz a esse sujeito”. É importante determinar o que o aluno já sabe, a fim de ensiná-lo baseado em tal perspectiva.

Um outro ponto importante para o ensino de história para surdo é fazer com que além dele se sentir parte da história, ele se encontre nela. No ensino da história, alguns fatos dentro de um contexto são velados, desta forma, o professor de história pode utilizar deste conteúdo para situar o aluno com surdez da sua realidade naquele contexto. O pesquisador Paulo

Assumpção dos Santos (2018) traz, em seus escritos, um bom exemplo, ao relacionar o orgulho surdo à realidade de pessoas surdas durante o período nazista na Alemanha. Segundo ele, aplicar a cor azul à cena do holocausto, evoca a história dos surdos, onde pessoas com deficiências, eram, pelos nazistas, identificados por uma faixa azul no braço para que fossem separados os fortes em que eles tinham como preparados, dos fracos, que seriam executados para que não pudessem fecundar, possibilitando o seu desaparecimento (SANTOS, 2018).

Foi esta realidade que trouxe ao surdo a cor azul da faixa ser um símbolo de orgulho e resistência. Desta forma, ao usar de uma aula de história como meio de mostrar ao surdo a sua posição naquele momento histórico, o professor possibilita o aluno a entender o porquê que determinada coisa é da forma que é na atualidade, baseando-se em sua realidade, como é o caso do setembro azul que decorre deste passado. Um passado marcado pelo alvo do extermínio de deficientes pelos nazistas da comunidade alemã. Por isso o orgulho exaltado no presente pelo surdo durante todo ano e especificamente no mês de setembro, o mês em que em 1857, cria-se a primeira escola para surdos durante o período imperial brasileiro.

Ao deparar-se com uma sala inclusiva com a presença de alunos surdos, espera-se que o professor de história estabeleça metodologias próprias de ensino para aquele público, e repense o processo de ensino-aprendizagem, visto que estamos falando de uma disciplina completamente oralizada e cheia de conceitos complexos. seja, é complexo para um aluno ouvinte e duas vezes mais para um aluno surdo, cuja língua materna não é a língua portuguesa. É de suma importância entender que não é o aluno que deve se adaptar ao ensino, mas os professores que precisam adaptar seus métodos de ensinar ao seu público alvo e o caminho primeiro é a compreensão de que o maior problema no processo de escolarização de um surdo, está intimamente ligado as práticas pedagógicas.

### **3. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E A RELAÇÃO COM O ALUNO SURDO**

Definida por Jörn Rüsen, a consciência histórica se caracteriza por três competências: a competência da experiência, a competência da interpretação e a competência da orientação (RÜSEN, 2011, p. 59-60), uma vez que, segundo o filósofo alemão: ela serve como um elemento de orientação chave, partindo da experiência do homem na sociedade, dando à vida prática, tanto um marco e uma matriz temporal, como também uma concepção do “curso do tempo” (RÜSEN, 2011, p. 56).

Em seus escritos, Reis (2020) traz uma comparação entre o pensamento de Gadamer e Rüsen em torno da consciência histórica, onde, segundo Gadamer:

O conceito está relacionado a um tipo de “privilégio” do homem moderno”, por meio do qual se adquire “plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião”. (GADAMER, 2003, p.17 apud REIS, 2020, p.77)

Por outro lado, se contrapondo a tal afirmativa, na sua definição de consciência histórica, Rüsen postula que:

A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não- ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana. (RÜSEN, 2001, p.78-9 apud REIS, 2020, p.77)

Seguindo esta ótica, enquanto Gadamer entende a consciência histórica como algo intimamente ligado aos intelectuais, Jörn Rüsen afirma que todo mundo pode ter consciência histórica e que ela é inerente ao ser humano, uma vez que, é por meio dela que os homens lidam com a passagem do tempo. Além disso, Reis e Silva (2021, p.03) ainda pontuam que “como uma necessidade inerente ao ser humano, a consciência histórica viabiliza a interpretação das nossas experiências no tempo, favorecendo a construção do pensamento histórico, que inserido em uma lógica narrativa, estrutura e confere sentido aos eventos históricos”. Desta maneira, relacionando aos processos de construção do pensamento histórico:

A consciência histórica favorece a compreensão de memórias e identidades forjadas a partir da experiência humana no tempo, além de promover uma renovação nos estudos que tem a história e seu ensino como escopo (REIS, 2020, p. 75)

Ademais, em sua definição de consciência histórica, Rüsen afirma que ela funciona como um modo de orientação em situações reais da vida presente. “Tem como função, ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente e, [...] evoca o passado como o espelho da experiência na qual reflete a vida presente, e suas características temporais são, do mesmo modo, reveladas”. (RÜSEN, 2011, p.56).

Com suporte no abordado e baseando-se na realidade dos alunos surdos do sétimo ano A da Escola Estadual 11 de Agosto durante a experiência do Programa Licenciados na Escola (PROLICE), pôde-se afirmar que o estudante surdo, embora com suas necessidades educacionais especializadas possui, sim, consciência histórica. Uma vez que Rüsen a define como sendo inerente ao ser humano, a consciência histórica do surdo torna-se óbvia. Nas aulas

de história, pude notar que a aprendizagem destes alunos se baseava, muitas das vezes, nas competências definidas pelo filósofo alemão, uma vez que esses sujeitos buscavam nas suas experiências, uma orientação para compreender o que se estava sendo abordado naquele momento.

Entretanto, nesta relação entre o sujeito surdo e a consciência história, cabe a compreensão de que ainda existem lacunas, principalmente na educação básica. Embora a comunidade surda reivindique seu espaço de valorização na sociedade, em alguns casos, o estudante surdo não conhece as experiências vivenciadas pelo seu grupo na história. O pesquisador Padovani Netto (2019) entende que os sujeitos surdos necessitam de uma noção de identidade coletiva a partir dessas experiências, uma vez que ela:

Garante a eles uma ideia de pertencimento que é construída a partir da coerência com que se narram os eventos e experiências que o grupo vivencia no decorrer do tempo. (NETTO, 2019, p. 54-5)

Ainda de acordo com Netto (2019), a conscientização do sujeito surdo enquanto protagonista da sua própria história tem sido fundamental nos movimentos de busca dos seus direitos. Apesar disso, é comum nos depararmos com a falta de conscientização destes sujeitos, uma vez que eles não possuem essa orientação por meio de uma consciência histórica, visto que não há uma experiência a ser interpretada.

A historiografia das últimas décadas “vem demonstrando grande preocupação com os grupos sociais que historicamente foram excluídos de pesquisas e que, uma vez esquecidos, pouco ou nada se reconhece nas narrativas escolares que as contemplam” (NETTO, 2019, p. 26). Todavia, trabalhos que falem sobre consciência histórica e a relação com o estudante surdo e até mesmo a perspectiva destes sujeitos com relação ao ensino de história, ainda é pouco abordado, e desta forma, pouco encontrado.

Nesse sentido, este trabalho tem justamente esta intenção de contribuir com a expansão desta pesquisa de modo quem vem a compreender a relação entre consciência histórica e o aluno surdo, uma vez que eles carregam consigo, como qualquer outro sujeito, essa consciência. Além da sua perspectiva em relação ao ensino de história. Tudo isso, com um intuito de que, no meio acadêmico se tenha uma abordagem com determinada ênfase, visto que ainda há uma carência em torno da mesma.

Abordar o surdo como sujeito em uma pesquisa dentro da história, nos parece um caminho da expansão para o campo historiográfico, o qual se tem caracterizado por abarcar uma grande diversidade de interesses (NETTO, 2019). Desta maneira, como parte dessa

diversidade, esse trabalho pretende ajudar no estudo sobre a relação do ensino de história e educação especial na medida em que compreende a posição do estudante com surdez e a sua aprendizagem na escola 11 de agosto, que é o foco de análise, sempre enfatizando o ensino de história e buscando a consciência histórica destes alunos.

#### **4. PERCURSO METODOLÓGICO**

Compreendendo a importância do ensino de História para surdo e a contribuição que estes sujeitos tem para a realização do mesmo, fizemos esta pesquisa qualitativa de viés etnográfico, baseando-se nas respostas dos estudantes surdos da Escola Estadual 11 de Agosto (Aracaju/Se). Ao desenvolver um estudo qualitativo, buscamos responder a uma pergunta, usando uma série de procedimentos para coletar evidências empíricas e produzir resultados aplicáveis ao estudo (DENZIN; LINCOLN, 2005, MACK et al., 2005 apud ALCARÁ; MARTINEZ, MONTEIRO, 2019. p.03).

Godoy (1995) postula que a abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa e, dentre estas, está a etnográfica, ela que “abrange a descrição dos eventos que ocorre na vida de um grupo, e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo” (GODOY, 1995, p. 28). Concomitante a isso, Alcará, Martinez e Monteiro (2019), ainda contribuem, ao defender que a pesquisa etnográfica tem como objetivo a compreensão dos processos sociais a partir de uma perspectiva interna, por meio de um envolvimento do pesquisador (ALCARÁ, MARTINEZ, MONTEIRO, 2019).

Baseando-se neste princípio, foi necessário buscar artigos que falassem sobre educação de surdo, ensino de história, consciência e pensamento histórico. Para o levantamento bibliográfico, utilizamos plataformas online, como a Periódicos CAPES e o google acadêmico, assim como nas referências dos textos já lidos, que por sua vez trouxessem consigo, abordagem a cerca do surdo, da história, da consciência histórica, assim como o ensino para surdo.

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa Licenciados na Escola (PROLICE), vinculada a Universidade Federal de Sergipe (UFS), no qual promoveu aos estudantes da instituição a possibilidade da prática docentes em escolas Estaduais na capital de Sergipe, Aracaju. Tendo como plano de trabalho “Consciência Histórica e inclusão no ambiente escolar”, o PROLICE tornou a pesquisa factível, uma vez que promoveu esta prática em uma escola e com uma abordagem estreitamente inclusiva.

Através do acompanhamento realizado na Escola Estadual 11 de Agosto, em turma do sétimo ano, realizado entre os meses de fevereiro a novembro de 2023, fez-se possível a

realização desta pesquisa. Após meses de trabalho com os alunos, promovendo uma abordagem inclusiva com os estudantes, em 13 de novembro de 2023 foi realizada uma atividade em forma de questionário para que pudesse ser respondida por eles, trazendo as suas opiniões. Esse questionário foi realizado com a participação de 20 alunos, onde apenas quatro destes eram surdos, sujeitos no qual esse trabalho dará ênfase.

O propósito de que esta atividade fosse realizada no último momento, se deu pela necessidade de uma relação com os alunos, assim como a realização de aulas que tivéssemos certeza da efetivação de uma inclusão em sala de aula, onde a aula de História fugisse do puro oralismo e fosse realizada com metodologias inclusivas, como por exemplo: uso de imagens, objetos táteis e dinâmicas, para que o assunto de Brasil colônia fosse dado de maneira em que eles pudessem compreender, mas também dando embasamento aos resultados que posteriormente desejaríamos colher.

Partindo de um questionário escrito ao invés de sinalizado, para os surdos, contamos com o auxílio de uma intérprete, que por sua vez deu todo seu apoio e suporte necessário. Inclusive com um dos alunos que, além de surdo, não frequentava o laboratório de libras e era autista não verbal (uma condição na qual o indivíduo com Transtorno do Espectro autista não se expressa através da fala). O questionário contou com 6 (seis) perguntas, destas, quatro seriam respondidas pela língua portuguesa escrita e duas de maneira não verbal, através de um desenho. Por este motivo, o estudante não verbal não conseguiu responder a algumas questões... Além disso, identificação como nome, idade, série e a sua necessidade educacional especializada.

Dentre as respostas destes discentes, coincidentemente ou não, algumas das seis respostas foram respondidas de modo muito parecido ou igual, porém, outras trouxeram pontos de vistas diferentes. Baseando-se nas aulas dadas em torno destes nove meses, eles responderam questões como a opinião sobre o que é história, como são, o que mais gosta e menos gosta nas aulas desta disciplina, dentre outros. Tudo isso, para entendermos a perspectiva do sujeito surdo em torno do ensino de História e compreender elementos da sua consciência histórica, uma vez que este é o objetivo deste trabalho. A atividade completa está anexada ao final deste trabalho.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após a análise do questionário respondido pelos alunos surdos do 7º ano A, do Colégio Estadual 11 de Agosto, conseguimos identificar quatro pontos importantes, que seriam, respectivamente: o que sabem sobre história, o que pensam, como caracterizam as aulas e como

representam a disciplina. Desta maneira, de forma sucinta, todos estes serão apresentados a seguir e os alunos serão identificados por números de 1 a 4.

A) O que sabem os estudantes surdos sobre história?

Em primeiro lugar, perguntamos aos alunos sobre o que vem em mente quando ouvem a palavra história e estas foram as respostas:

**Estudante 1:** “Cana de açúcar, Barco, Brasil.”

**Estudante 2:** “Portugal, Brasil, Barco.”

**Estudante 3:** “Pau brasil, Estudar, Cana de açúcar.”

**Estudante 4:** Sem resposta, por ser não verbal.

Quando questionados sobre o que seria História e para que ela servia, obtivemos as seguintes respostas:

**Estudante 1:** “saber sobre a história do Brasil. Os tipos de exploração dos produtos como pau-brasil e cana de açúcar.”

**Estudante 2:** “Estudar a influência de Portugal sobre nosso país. As grandes navegações. Os produtos explorados. Formação de nossas moradias.”

**Estudante 3:** “Saber a história do Brasil.”

**Estudante 4:** Sem resposta, por ser não verbal.

Quando analisamos estas respostas, percebemos que os alunos resumem a História ao Brasil colônia. Desta forma, vale aqui salientar que como dito anteriormente, no percurso metodológico, este questionário foi feito após a experiência de aulas com os estudantes através do Programa Licenciados na Escola (PROLICE). Nestas aulas, tratamos justamente deste assunto. Por esta razão, acreditamos que a resposta para essa relação esteja ligada ao fato de ter sido esse assunto o que ficou marcado para eles.

Por fim, fizemos a seguinte interrogação: Qual assunto da história você considera mais importante? Aqui, com exceção do estudante 4, que por ser não verbal não nos deu uma resposta, todos os outros trouxeram a mesma. “Descobrimto do Brasil”. Essa unanimidade nos chamou atenção, porém, baseando-se na análise feita em sala de aula na medida em que passávamos este questionário como forma de atividade, acreditamos que não tenha sido uma

coincidência, mas resultado do fato de terem respondido juntos, com auxílio da intérprete, provavelmente chegando a um consenso.

B) Como os alunos surdos veem as aulas de História?

Para chegarmos numa resposta, questionamos estes sujeitos da seguinte maneira: Como são as suas aulas de História? Quais são as coisas mais legais que acontecem? Quais são as coisas menos legais que acontecem? Aqui eles não nos deram respostas na primeira pergunta, mas a segunda foi respondida de tal modo. Veja a seguir:

**Estudante 1:** “Dinâmica com dados perguntas/ respostas.” / Copiar muito

**Estudante 2:** “Dinâmica com dados perguntas/ respostas.” / Copiar muito

**Estudante 3:** “Dinâmica com dados perguntas/ respostas.” / Copiar muito

**Estudante 4:** Sem resposta, por ser não verbal.

Notamos mais uma vez uma unanimidade nas respostas trazidas por eles, mas desta vez acreditamos que a resposta para isso seja outra. Durante as aulas com esta turma, ao se tratar de um público com necessidades educacionais especializadas, buscamos evitar aulas completamente oralizadas e fazer o máximo de dinâmicas possíveis para promover a eles um ensino significativo. Dentre estas, a que intitulamos “Escondendo perguntas, encontrando a História”.

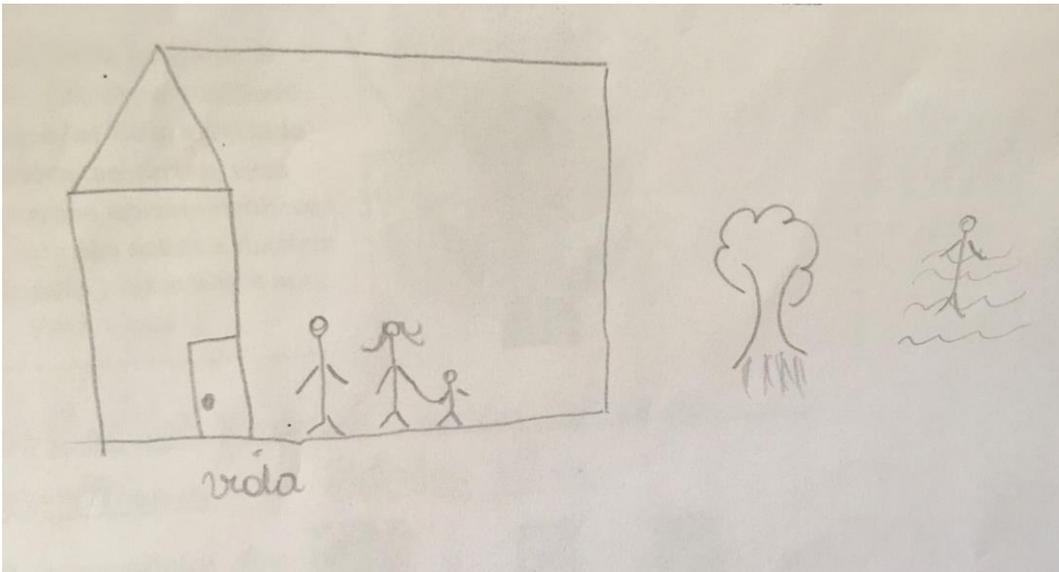
Percebemos que foi esta que mais envolveu os alunos surdos. Ao escondermos perguntas em envelopes em um painel e dando a eles a oportunidade de jogar o dado para ter a chance de responder uma destas com base na aula dada, notamos que ficaram deslumbrados. Assim sendo, acreditamos que todos responderem esta pergunta trazendo a dinâmica que eles resumiram como “dinâmica com dados” se dá por esta justificativa.

C) Como é representada a História pelos estudantes surdos e qual o personagem histórico mais importante para eles?

Nesse último momento da atividade, optamos por ver as respostas destes sujeitos através de desenhos para que eles pudessem se expressar de uma outra maneira. Aqui o estudante 4 já conseguiu nos trazer uma resposta.

Inicialmente, buscamos saber como eles representariam a história através destes desenhos e esses foram os resultados.

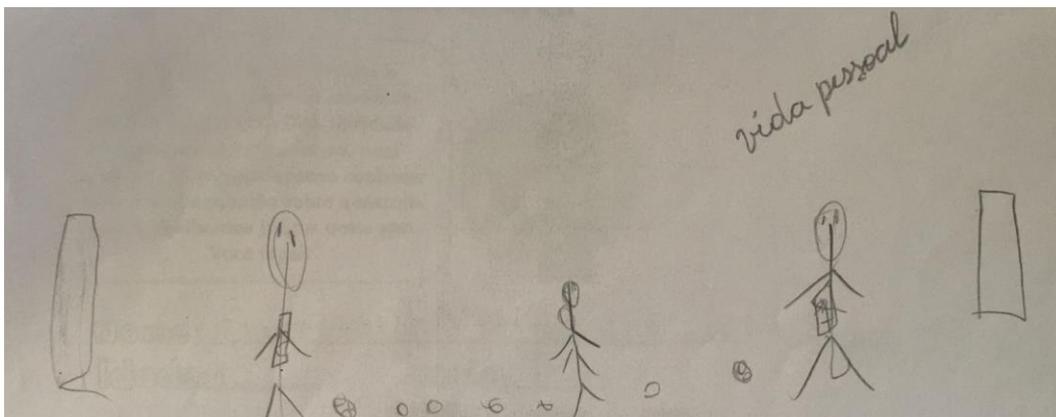
**Desenho do estudante 1:**



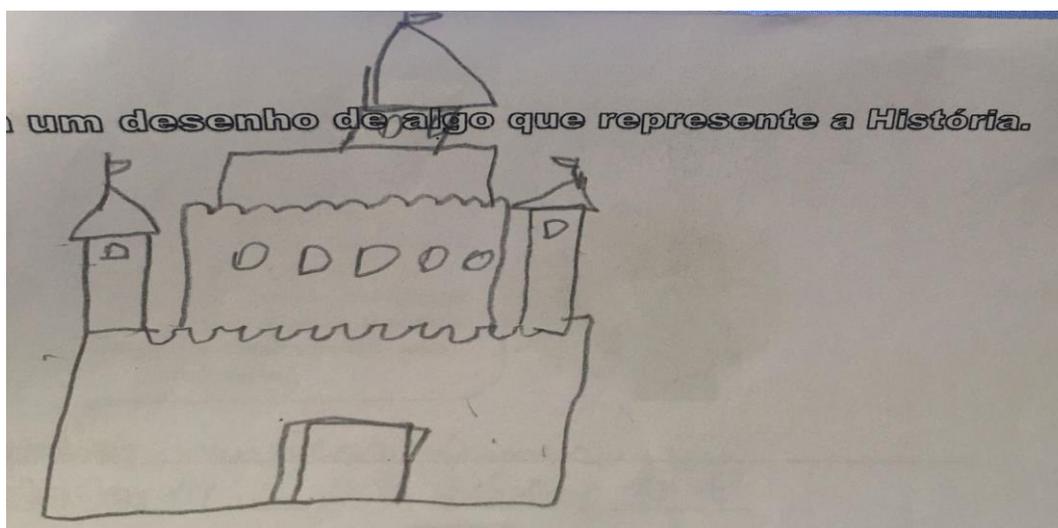
**Desenho do estudante 2:**



### Desenho do estudante 3:



### Desenho do estudante 4:

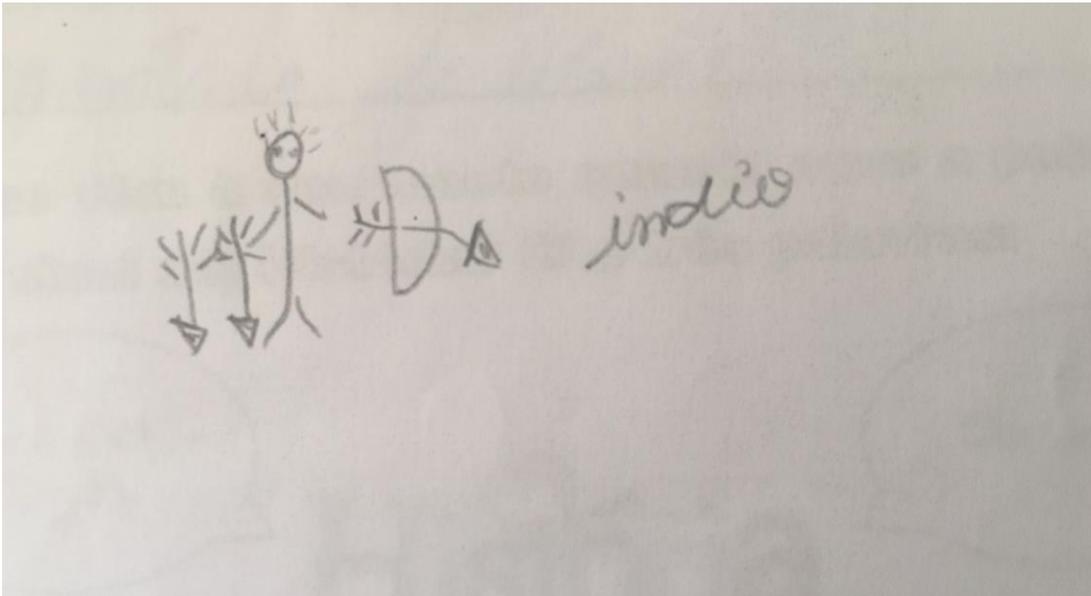


Quando paramos para analisar cada uma destas imagens, chegamos a uma conclusão importante. Embora os estudantes 2 e 4 tenham trazido a imagem de um castelo, que demonstra, muito provavelmente um conhecimento histórico sobre a idade média, por exemplo, os estudantes 1 e 3 desenharam a vida pessoal. Vale ressaltar que a parte escrita abaixo dos desenhos, foi realizada pela intérprete de Libras que os acompanhava.

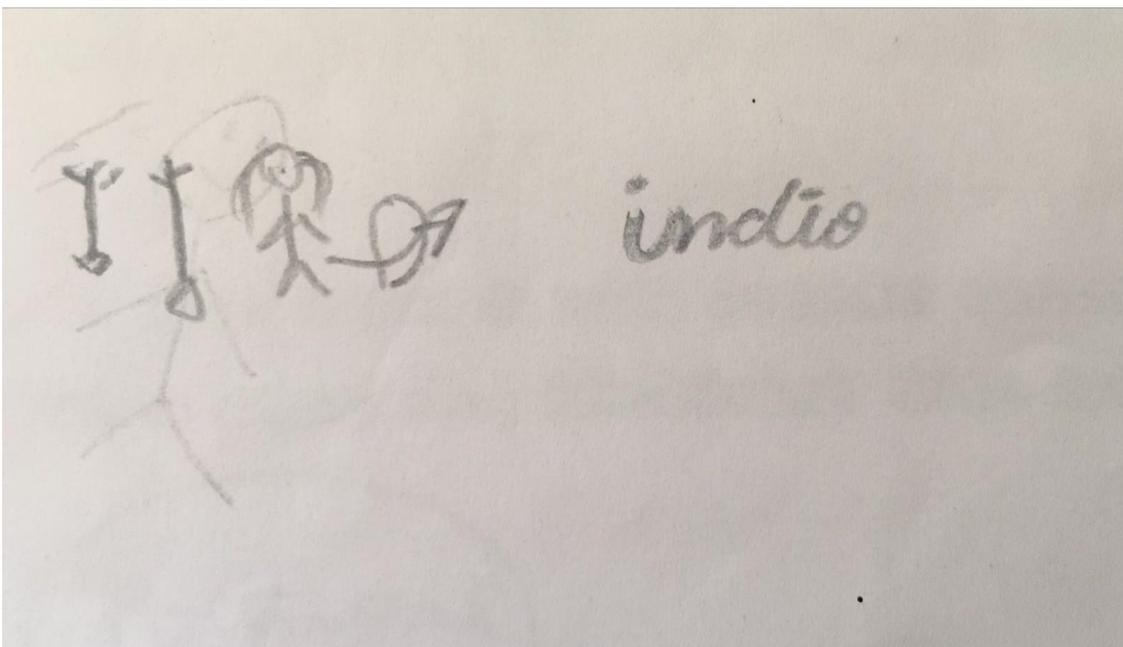
Isso se faz importante quando destacamos a consciência histórica deste sujeito surdo e percebemos que eles identificam a sua vida e o seu eu como parte da história. Uma vez que trabalhamos em sala, sempre tentando fazer com que estes alunos se vissem como protagonistas e parte da história, obter esse resultado foi extremamente significativo.

Em seguida, quisemos identificar quais eram os personagens da história que estes alunos tinham como mais importante. Então percebemos que, mais uma vez, as respostas foram iguais, com exceção do estudante 4. Perceba:

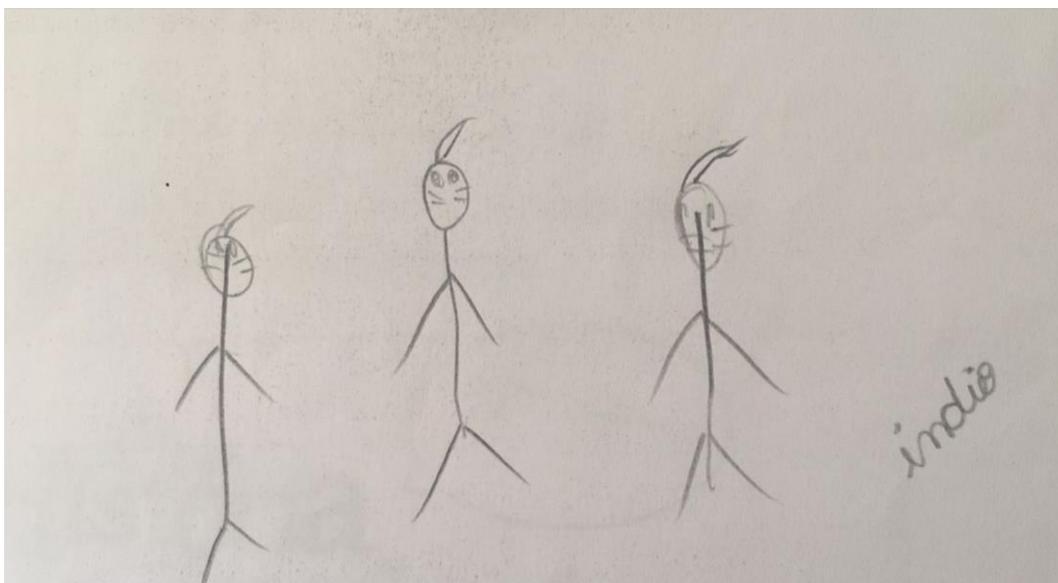
**Desenho do estudante 1:**



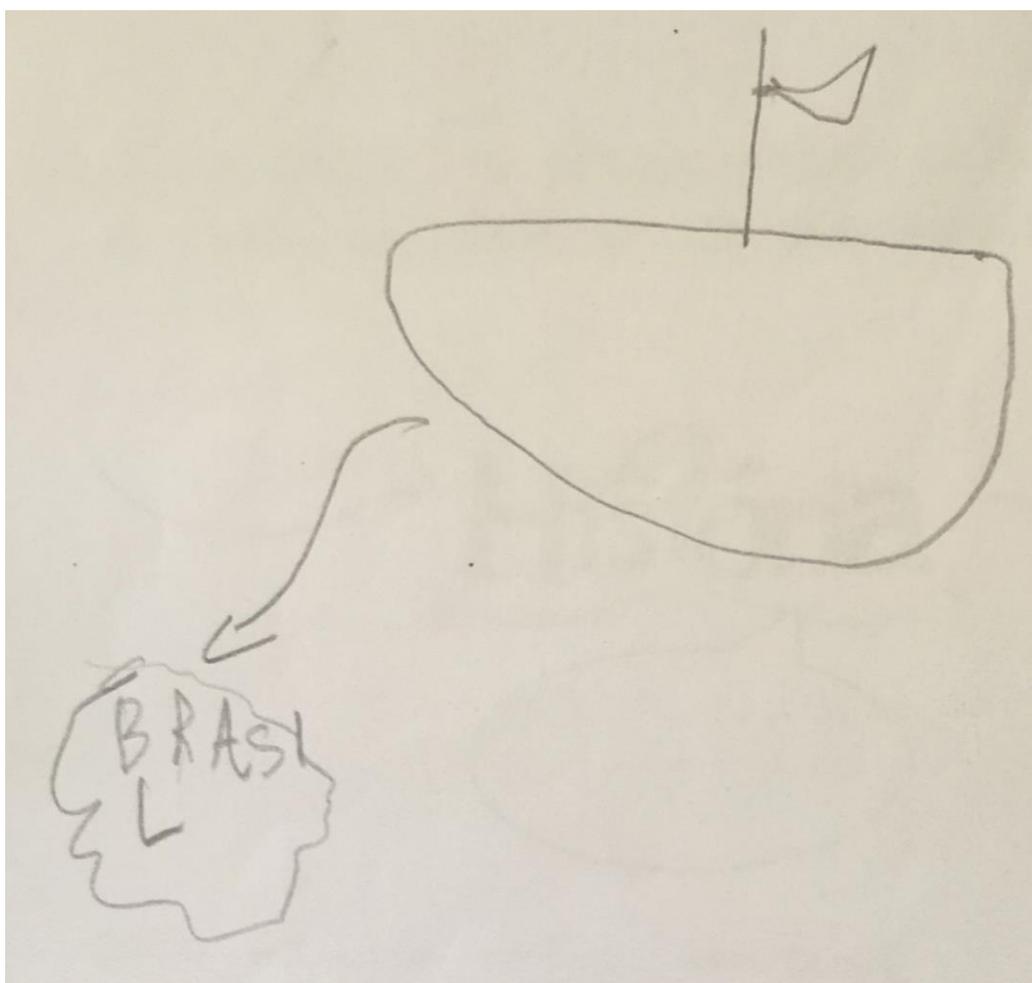
**Desenho do estudante 2:**



**Desenho do estudante 3:**



**Desenho do estudante 4:**



Uma vez que os estudantes 1, 2 e 3 trazem o indígena como um personagem importante da História, notamos que provavelmente, mais uma vez, o fato de ter sido respondido em grupo tenha interferido na resposta. Porém, ao unirmos esses com o desenho do estudante 4 que mostra claramente uma caravela chegando ao Brasil, fica notório o aprendizado de ambos em relação ao Brasil colônia. Muito do que foi abordado em sala de aula foi fixado por estes alunos e ficou perceptível através das suas respostas. Aqui, mais uma vez, a parte escrita foi desenvolvida pela intérprete de Libras.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a realização desse trabalho empírico, buscamos objetivar a perspectiva do estudante Surdo da Escola 11 de Agosto em Aracaju/Se. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com esses alunos e ao observar os dados coletados por meio dela, pudemos notar que por vezes a perspectiva histórica destes sujeitos foram relacionados aos assuntos de Brasil colônia. Por outro lado, relacionando-a as aulas de História, enfatizavam as regências inclusivas e dinamizadas como sendo as mais legais, provando a necessidade da fuga de aulas de História completamente oralizadas para surdos.

Ademais, analisamos o ensino de história e educação de surdos, juntamente com a relação que há entre esse sujeito e a consciência histórica por meio de estudos bibliográficos, buscando uma abordagem teórica em torno dos assuntos supracitados. Aqui, buscamos, primeiramente, traçar um panorama histórico sobre a educação de surdos no Brasil e o ensino de História para surdos, além de relacionar o sujeito surdo e a consciência histórica baseando-se na teoria de Rüsen.

Por fim, foi possível concluir que esta pesquisa trouxe um resultado positivo e notou-se que metodologias ativas de aprendizagem, onde possibilitamos a inserção do estudante como agente principal do seu aprendizado pode contribuir para a educação especial de surdos, especialmente na educação básica. Essa conclusão se deu a partir das aulas ministradas na própria escola com usos de recursos pedagógicos dinamizados e táteis que por vezes foram enfatizados pelos estudantes na nossa pesquisa qualitativa.

Ademais, cabe a compreensão de que estudos como estes sobre educação especial de surdos devem continuar, uma vez que ainda são poucos os trabalhos que trazem essa análise, principalmente ao que se diz respeito a perspectiva destes sujeitos e, menos ainda, em Sergipe. Outrossim, que os professores de História percebam a importância de se adequarem ao ensino inclusivo, entendendo que não se deve conferir a responsabilidade aos intérpretes, mas unir-se

a eles por uma educação efetiva, possibilitando dar voz aos estudantes surdos, uma que se abraça a história dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Vanessa de Oliveira. **A História de educação de Surdos no Brasil: o processo educacional inclusivo**. Orientadora: Nóbrega Carolina Silva Rezende. Universidade Federal de Pernambuco (UFPB), 2009.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. SEESP, SEED, MEC: Brasília: 2007.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas, [S. l.], v. 35, n. 3, p

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary L.E. **Livro ilustrativo de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

MARTINEZ PÉREZ, L.C.; ALCARÁ, Adriana Rosecler; MONTEIRO, Silvana Drumond. **A etnografia na ciência da informação: um método para espaços virtuais**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, vol. 24, núm. 56, pp. 1-23, 2019, Universidade Federal de Santa Catarina.

PADOVANI NETTO, Ernesto. **Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de História**. Orientadora: Conceição Maria Rocha de Almeida. 2020. 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018.

REIS, Aaron Sena. **A teoria de Rüsen e o ensino de História: possibilidades de pesquisa a partir da consciência histórica**. Org: Bueno, André; Campos, Carlos Eduardo; Porto, Nilza Ensino de História: Teorias e Metodologias. 1ª Ed. Rio de Janeiro: UFMS, 2020.

REIS, Aaron Sena Cerqueira; SILVA, Joilson Pereira da. **Consciência histórica e representações sociais: um estudo acerca das percepções de jovens estudantes sobre o Brasil**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, e226702, 2021.

REIS, Aaron Sena Cerqueira; SILVA, Joilson Pereira da. **Ensino de História e educação de Surdos: Considerações sobre o estado da arte**. Revista História Hoje. São Paulo, v. 12, nº 24, 2023.

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas: práticas e propostas.** 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed.UFPR, 2010.

VERRI, Célia Regina; ALEGRO, Regina Célia. **Anotações sobre o processo de ensino e aprendizagem de História para alunos surdos.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, n. 2 p. 97-114, 2006.

## ANEXOS- Atividade

Imagem 1:

**Pesquisa PROLICE**

Olá! Gostaria de te convidar a responder esta pequena atividade. Fique tranquilo/a! Esta atividade não tem respostas certas, nem erradas. Queremos apenas conhecer você e a sua opinião sobre a matéria que trabalhamos juntos neste ano. Você topa?



Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

Você precisa do  :

Se sim, qual o tipo de atendimento educacional especializado que você necessita?

\_\_\_\_\_

1. O que vêm à sua mente quando ouve a palavra (ou vê o sinal de) História? Cite três palavras:



**História**

(Fonte: acervo da autora)

Imagem 2:

2. Em sua opinião, o que é História? Para que ela serve?

---

---

---

---



3. Qual assunto da História você considera mais importante? Explique o porquê.



---

---

---

---

4. Como são as suas aulas de História? Quais são as coisas mais legais que acontecem 😊? Quais são as coisas menos legais que acontecem ☹️?

---

---

---

---

---

(Fonte: acervo da autora)

Imagem 3:

5. Faça um desenho de algo que represente a História.

6. Faça um desenho de alguma personagem da História que você considere importante.

Obrigado pela  
participação!



(Fonte: acervo da autora)